

**CONCEIÇÃO EVARISTO E DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA:
CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A *ESCREVIVÊNCIA* A PARTIR DA
DECOLONIALIDADE**

**CONCEIÇÃO EVARISTO AND EPISTEMIC DISOBEDIENCE:
CONTRIBUTIONS TO THINKING ABOUT *ESCREVIVÊNCIA*¹ FROM
DECOLONISING**

Thaísia Silva Martins²

“É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso?
Comprometer a escrita com a vida? (Conceição Evaristo, 2007)

RESUMO

Este artigo objetiva discutir o termo *escrevivência*, criado por Conceição Evaristo, estabelecendo sua relação com a decolonialidade. Tem o intuito de defender a *escrevivência* como saber decolonial que, portanto, promove o enfrentamento à violência colonial, historicamente, imposta às pessoas negras. Objetiva compreender a colonialidade como um processo que desumanizou e desumaniza as mulheres negras, e, por conseguinte, os seus saberes, como a própria *escrevivência*. O artigo pretende realizar a defesa da *escrevivência* como um enfrentamento a esse processo, já que a colonialidade esteve calcada em referenciar os saberes a partir da hierarquização pela raça, privilegiando a produção advinda dos homens brancos.

Palavras-chave: *escrevivência*, decolonialidade, raça.

ABSTRACT

This article aims to discuss the term *escrevivência*, created by Conceição Evaristo, establishing a relationship between it and Decolonising. It aims to defend *escrevivência* as decolonial knowledge that, therefore, promotes the confrontation with colonial violence, historically imposed on black people. It aims to understand coloniality as a process that dehumanized and dehumanizes black women, and, consequently, their

¹ Foi feita a escolha de deixar o termo *escrevivência* exatamente como é, em língua portuguesa, uma vez que trata de um termo criado pela autora Conceição Evaristo. O que leva a identificar que a sua passagem para outra língua não mantém o sentido proposta pela autora.

² Assistente Social graduada pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM, 2012), doutoranda em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mediadora do projeto nacional *Leia Mulheres*, clube de Araçuaí-MG. É Pesquisadora do Projeto *Intelectuais Negras Brasileiras*, vinculado ao Núcleo de Estudos Reflexos de Palmares da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus Baixada Santista. É associada à Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. E compõe o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFNMG- campus Araçuaí-MG. E-mail: thaisa19.martins@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8231077696176290> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6046-5043>.

knowledge, such as *escrevivência* itself. The article intends to carry out the defense of *escrevivência* as a confrontation with this process, since coloniality was based on referencing knowledge from the hierarchization by race, privileging the production coming from white men.

Keywords: *escrevivência*, decolonising. Race.

Introdução

Este artigo objetiva discutir o termo *escrevivência* como saber decolonial. *Escrevivência* se traduz como uma experiência cunhada por Conceição Evaristo, termo que ela começou a trabalhar em sua dissertação de mestrado, em 1995. Trata-se de uma expressão que comunga a escrita com a experiência vivida pela população negra, especialmente, mulheres.

A fim de introduzir o debate, quanto ao referencial teórico que guia este artigo, cabe comentar que decolonialidade se refere a um engajamento crítico à lógica da modernidade. Com base em Quijano (2005), o surgimento do modo de produção capitalista é vinculado ao projeto colonizador da América, a partir do final do século XV, processo que fundou a própria modernidade. Isto leva, inclusive, à existência da categoria colonialidade, que abarca, tanto o período de colonização formal, quanto a herança colonial, (MALDONADO-TORRES, 2018). A colonialidade é uma face constitutiva da modernidade, que, por sua vez, se expressa como fundamento do capitalismo, conforme as discussões que compõem este artigo.

A perspectiva decolonial se manifesta como um enfrentamento à essa lógica. Nos auxilia a compreender o capitalismo de maneira mais ampla, levando em consideração os fundamentos dos processos de colonização desenvolvidos pela Europa, que foram centrais para a gênese e o desenvolvimento deste sistema, promovendo, inclusive, o epistemicídio, que o enfrentamento *escrevivente* de Conceição Evaristo nos auxilia a revelar.

O epistemicídio extermina a produção de conhecimento daqueles e daquelas que foram colonizados/as, e que ainda experimentam as marcas da violência colonial, por meio da hierarquização racial. A desobediência epistêmica, termo de Mignolo (2008), se

vincula ao propósito de legitimação dos saberes que fogem do cânone colonial europeu. Expressa a defesa de que sejamos desobedientes à esta lógica, legitimando os saberes decoloniais, que, como será explicitado neste artigo, tem como exemplo a própria *escrevivência*.

Com base na apreensão de um dos textos iniciais do livro “*Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*” (2020), que trata de um depoimento da referida autora, e que objetiva discutir sentido gerador do referido termo, é possível considerar que Evaristo (2020) o defende como uma prática literária, sobretudo, de mulheres negras e pobres. Isso se dá porque o termo “[...] extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado [...]. *Escrevivência* surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. [...]”. (EVARISTO, 2020, p. 38, grifo meu). Assim, por se conectar, necessariamente, com a experiência de vida deste grupo, ainda que tenha uma direção e um sentido, não é qualquer tipo de escrita.

Conforme a referida autora, *escrevivência*, em sua concepção inicial, trata-se de uma experiência vivida por este grupo e se constitui como uma proposta que vem enfrentar opressões e apagamentos que ele vivenciou ao longo do processo de escravização dos seus corpos.

Isso se dá, tendo em vista a existência do colonialismo, fundamento constitutivo do capitalismo, um modo de produção, hoje, global, que se manteve fundamentando, também, no projeto de colonização da América, a partir de 1500.

Este sistema escravizou e dizimou, por meio da hierarquização racial, criando novas identidades históricas, como a do negro e a do indígena – os colonizados –, e redefinindo outra identidade, como a do Europeu – o colonizador. (QUIJANO, 2005). E este processo, como será discutido, está centralizado no mote gerador da *escrevivência*, segundo o pensamento da Conceição Evaristo.

Embora a colonização seja um período histórico já findado, as suas marcas ainda se fazem presente, promovendo uma hierarquização racial da população (QUIJANO, 2005), o que nos conecta com o sentido de colonialidade, ou seja, a manifestação atual e permanente da esfera colonial. E a decolonialidade é um enfrentamento à colonialidade, sendo a *escrevivência*, também, uma forma de enfrentá-la, por ser um saber decolonial.

Portanto, no presente artigo, primeiramente, haverá elementos para contextualizar o “chão” histórico que gera o pano de fundo da *escrevivência*, e, por conseguinte, a sua constituição como saber decolonial. Será feita uma discussão sobre o sentido de colonialidade, e, em seguida, trabalhado a relação entre *escrevivência* e a decolonialidade, para pensar a contribuição de Conceição Evaristo, como uma mulher negra desobediente à lógica colonial, que expressa uma produção decolonial.

Colonialismo e o silenciamento imposto à mulher negra: a *escrevivência* como resistência e enfrentamento.

Evaristo (2023) explicita que o mote gerador da *escrevivência*, o seu pano de fundo, é a escravização do corpo da mulher negra, o que já de início nos leva a delimitar a relação entre este termo e o cenário da violência colonial.

A imagem geradora da *escrevivência* está calcada na figura da *mãe preta* escravizada pelo regime colonial no Brasil, que é silenciada na sua condição de humanidade. Não tem o direito, inclusive, de cuidar dos seus próprios filhos, tendo que dispensar uma afetividade forçada aos filhos da família escravocrata, aos filhos da sinhá. Está inserida no trabalho escravizado dentro de uma economia de produção, que objetifica o seu corpo.

Ao ter este mote gerador, Evaristo (2007) expressa o símbolo da criação da *escrevivência* na figura da mãe lavadeira, que cuida das roupas da “casa grande”, desenhando o sol no chão lamacento, com um graveto, para chamar este sol, no intuito de secar as roupas que lavava. Tal gesto se expressa num movimento em que corpo e escrita se comungam. A autora faz esta descrição situando a imagem desta mãe no sentido ancestral e, ao mesmo tempo, por se identificar no processo indissociável de escrita e vivência, traz memórias da sua mãe biológica, que desenvolvia este gesto.

Para Evaristo (2007), este é o processo criativo de nascimento da *escrevivência*. Ao fazer este ato, a mãe lavadeira se encontra de cócoras, em um gesto que nos permite conexão com a terra, com as raízes ancestrais e, portanto, com a história colonial, porque esta mulher que desenvolve este gesto está sob as ordens e o controle da “casa grande”.

É nesse processo que se encontra a defesa da *escrevivência* como uma forma de produção de conhecimento, e como um enfrentamento à colonialidade, visto que esta categoria atesta a manutenção da esfera colonial na atualidade. Se refere ao passado colonial, mas também aos seus frutos. E esta imagem posta por Evaristo (2007) não é uma imagem que simplesmente ficou no passado colonial, ela está viva na resistência das autoras negras *escrevíveis*, de hoje, por meio, inclusive, do exercício que é realizado neste artigo, a partir da produção por meio da *escrevivência*.

A decolonialidade possibilita compreender o capitalismo, como modo de produção, hoje, global, que se manteve fundamentando, também, no projeto de colonização da América. Este sistema escravizou e dizimou, por meio da hierarquização racial, criando as identidades negra e indígena, e redefinindo outra identidade, como a do Europeu, como foi comentado. (QUIJANO, 2005).

Este contexto ainda foi marcado pela perseguição às mulheres e aos seus corpos, configurando o fenômeno de “caça às bruxas”, importante para o desenvolvimento do sistema capitalista, sobretudo, entre os séculos XVI e XVII, sendo não apenas na Europa, mas nas colônias do Novo Mundo, na América. (FEDERICI, 2017). Pois “[...] Assim como na Europa, a caça às bruxas na América foi, sobretudo, um meio de desumanização e, como tal, uma forma paradigmática de repressão que servia para justificar a escravidão e o genocídio” (FEDERICI, 2017, p.382). O capitalismo, portanto, se forjou impondo um projeto de classe, que tem bases racistas, patriarcais e sexistas.

Com base em Quijano (2005), é possível afirmar que a colonização na América propiciou para que pudesse existir um protótipo de “sujeito universal”, criado pelo colonizador. Este modelo estava articulado à perspectiva de um sujeito masculino, branco, europeu, cristão, heterossexual, entre outras características não identificadas nos/as colonizados/as.

O próprio surgimento do modo de produção capitalista, segundo o referido autor, é vinculado ao projeto colonizador da América, que fundou a própria modernidade. Por isso, o sentido do “sujeito universal”, mencionado anteriormente, é vinculado à concepção de “homem moderno”. Segundo Quijano (2005), cabe comentar que raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social,

indissociáveis do referido processo de colonização. Este processo construiu uma divisão racial do trabalho, a qual contribuiu para que o sentido de humanidade estivesse dissociado de quem era colonizado/a.

Dessa maneira, cabe comentar o sentido de *máscara* expresso por Kilomba (2019), ao discorrer sobre a imposição de um silenciamento por parte da colonização. Segundo a referida autora, o projeto colonial europeu utilizou por mais de trezentos anos, uma peça de metal que foi instalada no interior da boca dos/as escravizado/as, para evitar que comessem nas plantações. A referida autora argumenta que o objetivo principal era criar um senso de mudez e medo, implementado pelo próprio racismo, que impôs para quem era escravizado o sentido de “outro”, ou seja, de não humano. Pois o sentido de humanidade esteve calcado na concepção de “sujeito universal”: masculino, branco, europeu, cristão, heterossexual etc., imposto pelo pensamento europeu.

É tendo isso em vista que Kilomba (2019) traz a imagem da escravizada Anastácia, a qual é reproduzida abaixo.



Figura 1: Retrato de *Anastácia* feito por Jacques Aragno

Por isso, é necessário pensar um paradigma não hegemônico da produção do conhecimento, que nos possibilite desconstruir a qualidade não-humana posta aos povos que foram escravizados na colonização, como a *escrevivência* nos possibilita pensar.

É importante destacar que o sistema capitalista, no qual vivemos, fundou-se a partir da violência (CESAIRE, 2020), direcionada a quem não se encaixava no protótipo do “sujeito universal”. Dessa maneira, não há como enfrentar as desigualdades inerentes

a esta sociabilidade, expressas de diversas formas, sem entender as individualidades construídas neste processo.

Fanon (2020) leva à compreensão de que a colonização forjou o sentido de humanidade calcada no homem branco, pois quem criou o “negro”, segundo o referido autor, foi o homem branco, tratando este como o “outro”. Kilomba (2019) ao ter esta compreensão em vista, observa que, no caso na mulher negra, esta foi vista como o “o outro do outro”.

Portanto, com base na leitura de Kilomba (2019), para a mulher negra, a escrita sempre esteve como um enfrentamento à condição de não humanidade que lhe foi imposta. Isso conecta com o sentido de *escrevivência*, que ora é discutido e, assim, se faz pertinente a seguinte constatação:

[...] escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimado/a” e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada. [...] (KILOMBA, 2019, p.28, grifos da autora).

Dessa maneira, a referida autora argumenta que o ato de escrever permite o enfrentamento ao sentido do/a “outro/a”, que nos foi imposto, situando este processo à passagem de objeto a sujeito, o que demarca a escrita como um ato político. Por isso, Kilomba (2019) constata que “[...] a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os ‘Outras/os’ [...]” (KILOMBA, 2019, p.33).

Isto posto, cabe considerar que a trajetória da própria Conceição Evaristo se mescla com o escrito de suas obras, e se configura como esta tentativa de explicitar a experiência de vida da mulher negra, por meio do enfrentamento a este silenciamento histórico. Ler a referida autora é se deparar com formas de enfrentamento à *máscara* comentada por Kilomba (2019).

Afinal, como lembra Duarte (2020), a Conceição Evaristo afirma em diversas oportunidades a seguinte frase “minha escrita está sempre marcada pela condição de mulher negra na sociedade brasileira” (p.83). Ou seja, a sua escrita carrega este enfrentamento, que aqui é comentado. No seu livro *Becos da Memória*, por exemplo,

Evaristo (2017) faz a seguinte observação: “[...] busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência* [...]” (p. 11, grifos da autora).

A discussão sobre o significado de *escrevivência* se imbrica com este processo, uma vez que Evaristo (2009) denota que a sociedade racista e sexista que enfrenta, desde criança, somada ao pertencimento de uma determinada classe social, influenciou e influenciou na sua subjetividade. E negar isso é negar o próprio sentido de *escrevivência*.

Então, comunga-se com Evaristo (2020) quando ela afirma que a escrita nasceu para ela como procura de entendimento da vida. Afinal, como falar de *escrevivências* de mulheres negras, sendo uma delas, desconsiderando as nossas vivências? Vejamos o que a referida autora expressa sobre tal reflexão:

[...] Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. *Escrevivência* nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência (EVARISTO, 2020, p.34, grifo meu).

Por isso, ao estudar a perspectiva decolonial, é necessário ter em vista que o projeto colonial europeu contribuiu para que a Europa se constituísse como centro hegemônico da modernidade, favorecendo para que ela detivesse a hegemonia das produções de saberes, uma vez que o modelo valorizado de ciência é vinculado ao “sujeito universal”. Isso nos leva a pensar a *escrevivência* como uma produção que foge deste cânone, porque uma vez que são advindos de sujeitos considerados não humanos, como estes saberes poderiam ser valorizados, por este sistema?

Como nos lembra Ribeiro (2017), não há como fazer um amplo debate sobre projeto de sociedade, sem enfrentar o modo pelo qual certas identidades são criadas dentro da lógica colonial. Dessa maneira, segundo a referida autora, a linguagem, a depender de como é utilizada, pode ser uma barreira de entendimento, estimulando o poder, e isso impacta na legitimação das diversas formas de conhecimento que fogem

deste padrão específico, como a própria *escrevivência*. Aprofundemos isso na próxima seção.

A relação entre *escrevivência* e decolonialidade e a contribuição de Conceição Evaristo para a desobediência epistêmica

Anzaldúa (2000), estudiosa norte-americana da teoria cultural chicana, discorre sobre a escrita das mulheres do sul global, bem como das “mulheres de cor”, nos dizeres da autora. Reflete não apenas sobre a escrita como resistência, por meio do sentido que nos aproxima da *escrevivência*, mas, também, sobre a nossa resistência ao ato de escrever, tendo em vista o medo, a insegurança, o desconforto etc. Afinal, Evaristo (2016) enfatiza que “[...] Escrever é uma maneira de sangrar [...]” (p.109). Não é uma tarefa fácil, embora possa ser lida, também, como deleite, e, até mesmo, como resistência a algo que é imposto, no sentido que se conecta à *escrevivência*.

Como afirma hooks³ (2019) “[...] muitas mulheres negras são criadas para acreditar que há coisas sobre as quais não se deve falar, nem no âmbito privado nem em público” (p.25). E quais são as razões que movem este processo? Este artigo gira em torno de considerar que tais motivos encontram terreno na colonialidade. Tais motivos são moldados pelo próprio silenciamento, historicamente, imposto ao povo colonizado.

Se estamos dentro de um sistema que se forjou tendo como meta colonial não tornar os colonizados/as seres humanos, o sentido de colonialidade esteve constituído, também, historicamente, por meio da construção de resistência a este processo.

Por isso, compartilhamos das ideias de Kilomba (2019) e de hooks (2019) quando ambas as autoras traçam a relação entre fala e escrita, ao refletirem acerca do silenciamento imposto às mulheres negras.

Com base em Kilomba (2019), foi comentado no item anterior, que o projeto colonial europeu utilizou por mais de trezentos anos uma peça de metal, que foi instalada no interior da boca dos/as africanos/as escravizados/as, com o objetivo

³ Aqui se trata da autora bell hooks. A referida autora assina com letras minúsculas, a fim de dar maior projeção às suas ideias do que a figura autoral. Por isso, justifico que toda vez que a mencioná-la neste texto, estarei respeitando esta escolha dela, e subvertendo as regras da ABNT, que sempre nos orienta a gravar em maiúsculas, quando usamos citações. Além disso, cabe comentar que este trata de um pseudônimo inspirado na bisavó materna, em homenagem ao legado das mulheres fortes. O verdadeiro nome de bell hooks é Gloria Jean Watkins.

evidente de criar um senso de mudez, de terror e de medo, por meio da violência colonial.

Quando Evaristo (2016) comenta que “[...] Escrever é uma maneira de sangrar” (p.109), a autora nos mostra que a escrita é atravessada por processos que também são dolorosos, e que nos levam a pensar a herança colonial, porque a escrita tem relação com a fala. Afinal, se esta foi historicamente silenciada, para os/as colonizados/as, como o próprio sentido de *máscara* nos revela, tal questão reverbera na escrita. Isso pode impulsioná-la, como um meio de alternativa ao silenciamento, ou até mesmo dificultá-la, porque uma fala silenciada pode se tornar uma escrita silenciada, pois esta é também uma forma de expressão, uma forma de falar.

Por isso, hooks (2019) releva a seguinte reflexão: “Escrever foi minha maneira de capturar, agarrar a fala e mantê-la por perto [...]” (p.34). Escrever para a autora é enfrentar as barreiras que querem nos empurrar ao segredo e ao silêncio. É uma forma de manter a fala viva, de registrar uma fala que não querem que seja dita.

Assim, Anzaldúa (2020) expressa “[...] Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo [...]” (p.232), o que adensa a relação entre fala e escrita, pois a autora reforça que “[...] Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.” (p.232).

Dessa maneira, o sentido de *escrevivência* se imbrica com a resistência. É uma escrita que enfrenta o silenciamento, que é histórico e colonial. É uma escrita coletiva de quem foi constantemente silenciado/a. É tendo isso em vista que hooks (2019) constata que,

[...] Para nós, a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem – e, como tal, representa uma ameaça. Para aqueles que exercem o poder opressivo, aquilo que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado e silenciado. (p. 36-7).

E o apagamento, o aniquilamento e o silenciamento são marcas coloniais, afinal, como nos lembra Evaristo (2009):

Revista de Letras Norte@mentos

376

Dossiê “As escrevivências de Conceição Evaristo: as mulheres negras no centro das narrativas”, Sinop, v. 16, n. 44, p. 367-384, jul. 2023.

Tendo sido o corpo negro durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. Produtos culturais como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil [...] (p.18).

Com esta reflexão, Evaristo (2009), a criadora do termo *escrevivência*, nos leva a pensar sobre a marca da colonialidade em nossos corpos negros. Pois a partir dela é possível observar a violência escravocrata sobre estes corpos e a sua continuidade, como indica a autora. Assim, embora a colonização – relações formais de dominação colonial –, tenha se extinguido, as suas manifestações ainda resistem, se perpetuando, atestando o sentido de colonialidade. E as produções de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira, como a autora afirma, podem ser compreendidas como produções decoloniais, denunciando a colonialidade – ou seja, esta perpetuação das marcas coloniais –, por meio da dança, da música, da culinária, e, também, por meio da escrita.

Por isso, cabe constatar que, embora Conceição Evaristo inaugure a denominação de *escrevivência*, a partir de 1995, esta prática já vem sendo experienciada há muito tempo pelo povo negro, uma vez que a própria autora defende que:

[...] *Escrevivência*, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: ‘a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos’ [...] (EVARISTO, 2020, p.30, grifo meu e da autora).

Tal consideração, além de asseverar a *escrevivência* como uma escrita de mulheres negras e pobres, nos remete à argumentação de Gonzalez (2020), ao destacar

que foi em função de sua atuação como mucama que a mulher negra, no Brasil, deu origem à figura da *mãe preta*, como bem expressa a citação de Evaristo (2020). A *mãe preta* tratou-se daquela que cuidou e educou os filhos de seus senhores, contando-lhes histórias, possibilitando, ainda, a criação de uma língua, denominada por Gonzalez (2020) de *pretoguês*, a qual, conseqüentemente, contribuiu para a africanização da cultura brasileira.

Por isso, é necessário destacar que a *escrevivência* não se encontra situada a qualquer tipo de escrita, corriqueira ou pessoal. Ela envolve um processo de “erguer a voz”, parafraseando hooks (2019), ela se vincula à resistência ao silenciamento colonial e, portanto, está imbricada com as possibilidades decoloniais postas pela história, dentro de um processo de enfrentamento da condição de não humanidade que foi imposta a nós, negras e negros.

Portanto, é necessário destacar que, apesar de lidar com séculos de apagamento e perseguição dos seus corpos, nós, mulheres negras, sempre escrevemos. Isto reforça que, mesmo que sem se denominar de *escrevivência*, esta prática sempre atravessou a escrita de mulheres negras, visto a própria existência da colonialidade – isto é, a manifestação permanente e atual do passado colonial.

Tal constatação nos leva a desatacar o legado de Maria Firmina dos Reis. Como contextualiza Evaristo (2009), ela foi a primeira romancista e a primeira mulher a escrever um romance abolicionista no Brasil, em 1859, intitulado *Úrsula*. Cabe comentar que a imagem de Maria Firmina foi historicamente confundida com uma escritora branca, a gaúcha Maria Benedita Borman, o que nos leva a pensar sobre o seu apagamento imposto pela história.

Conforme Arraes (2017), Firmina nasceu em 1882, na ilha de São Luís (MA), começou a estudar de forma autodidata, vindo a ser a primeira professora concursada do Estado do Maranhão, com 25 anos de idade, e falecendo em 1917, no município de Guimarães.

Também cabe destaque a escritora Carolina Maria de Jesus, inspiração constante de Conceição Evaristo, conforme Doralí (2018) e Evaristo (2023). Carolina nasceu em 1914, início da 1ª guerra mundial, em Sacramento-MG, falecendo em 1977, em São Paulo. Sua obra mais famosa *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicada pela

primeira vez em 1960, é carregada de elementos que nos aproxima, por exemplo, de *Becos da Memória* de Conceição Evaristo.

No referido livro de Carolina, ela narra em forma de diário o seu cotidiano na favela, na constante busca pela sobrevivência através da sua atividade de catadora, em constante relação com o lixo. Por meio de uma linguagem simples, direta, comovente, há um extremo realismo que toca quem a lê. Observamos as marcas da violência, do alcoolismo, da negligência do poder estatal e do constante descaso da política brasileira, nos anos 1950, na maior metrópole da América do Sul, São Paulo.

Já em *Becos da Memória*, Evaristo (2017) traz relatos de violência doméstica, alcoolismo, fome etc., dentro do ambiente da favela, e a constante busca das personagens para sobreviver naquele espaço, com as eminentes ameaças de remoções, por meio do Estado. A marca da ancestralidade no perfil da personagem “Vó Rita”, por exemplo, é articulada à condição da mulher negra – como base da pirâmide social –, e ao imaginário da *mãe preta*, a escravizada, que, além de cuidar dos seus, tem que cuidar dos filhos da família escravocrata. Não à toa tal personagem é considerada a “mãe de todos”, desenvolvendo, inclusive, a função de parteira, na comunidade.

Também merece ser destacado o legado recebido pela personagem “Maria Nova”, adolescente que observa, critica, indaga e que põe para si a tarefa de escrever outra história para o seu povo, diante do desfavelamento. É emblemático, sendo ainda imbricado com a trajetória da própria Conceição, que se vê na personagem, o que nos faz observar um discurso *escrevivente* “[...] que é tão político quanto pessoal e poético [...]” (Kilomba, 2019, p.59).

É por isso que a *escrevivência* sempre vem carregada de uma direção contra hegemônica, de uma direção de transformação. Trata-se de uma prática literária que se conecta, necessariamente, com a experiência vivida, em que o corpo e a história se fundem, como pode ser explicitado nas reflexões acima, na obra de Conceição e Carolina.

Com isso, é possível observar que este termo vem para demarcar algo que a história, tida como universal, fez questão de negar, e de apagar, o que nos faz pensar na necessidade de demarcar cada vez mais a potência da *escrevivência* como enfrentamento à colonialidade.

Considerações finais

Com o intuito de concluir este artigo, é necessário destacar que, embora a *escrevivência* carregue um sentido gerador advindo da escrita de mulheres negras e pobres, ela compõe a abertura de inúmeras possibilidades de reflexão.

Segundo o livro “*Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*” (2020), tal termo se encontra como objeto de estudo de profissionais de diversas áreas, sendo discutido tanto nacional quanto internacionalmente, advindo da população afrodescendente. Com base nesta obra, o referido termo pode ser lido como conceito; conceito-experiência; método; operador teórico etc., podendo se associar tanto à “a escrita de si” ou auto ficção, quanto à “escrita do nós”, se conectando, por exemplo, às estratégias de denúncia e resistência presentes em textos autobiográficos ou ficcionais. (DUARTE, 2020; FONSECA, 2020; NUNES, 2020; BORGES, 2020, FELISBERTO, 2020).

Ao criar o termo *escrevivência*, Conceição Evaristo não teve o interesse em formular um conceito, como afirma em entrevista ao Nexo Jornal (2017). Contudo, a partir do momento em que outras áreas de estudo foram se apropriando do mesmo, ele ganhou cada vez mais amplitude e reconhecimento, levando ao seu aprofundamento e até mesmo à diferença na forma de tratamento.

A fim de concluir este artigo, torna-se importante demarcar, também, a contraposição à ideia de que somente certos locais, visões, escritos etc. são de pessoas negras. Podemos escrever, falar, e produzir ciência sobre tudo, e, por isso, inclusive, o termo *escrevivência* não é um conceito fechado, ainda que tenha uma direção. E isso não significa, ainda, que toda a escrita de uma mulher negra seja, necessariamente, *escrevivente*.

Este termo vem para demarcar algo que a história, tida como “universal”, fez questão de negar, e de apagar, o que nos faz pensar na necessidade de demarcar cada vez mais este lugar de pertencimento que é nosso. E que é amplo, diverso e plural, como é o nosso povo.

Embora, nós, mulheres negras, possamos escrever sobre tudo, como qualquer outro ser humano, a nossa escrita, também, pode ser compreendida como um

enfrentamento às opressões, a partir da direção posta por Conceição Evaristo, acerca da *escrivência*. Por isso, aqui estamos como desobedientes à lógica colonial. Somos herdeiras de Maria Firmina dos Reis, de Carolina Maria de Jesus, de Lélia Gonzalez e de tantas outras que nos possibilitaram estar aqui.

Referências

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis. Ano 8. p.229-236, 2000.

ARRAES, Jarid. *Heroínas Negras Brasileiras: em 15 cordéis*. São Paulo: Seguinte, 2020.

BERNADINO-COSTA, Joaze.; MALDONADO-TORRES, Nelson.; GROSGUÉL, Ramón. Introdução. In: BERNADINO-COSTA, Joaze.; MALDONADO-TORRES, Nelson.; GROSGUÉL, Ramón. (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 10-30.

BORGES, Rosane. Escrivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Org.). *Escrivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 182-204.

CESAIRE, Aime. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020.

DORALI, Ivana. Conceição Evaristo: imortalidade além de um título. *Revista Periferias*, online. 2018. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/conceicao-evaristo-imortalidade-alem-de-um-titulo/>. Acesso em 30 mar. 2022.

DUARTE, Eduardo. de Assis. Escrivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiáspórica. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Org.). *Escrivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 75-94.

EVARISTO, Conceição. Da grafia desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Maza Edições, 2007. p. 1-3.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v.13, n.25, p. 17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Entrevista à jornalista Juliana Domingos de Lima, para o Nexo Jornal*, em 26 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 18 jun. 2022.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). *Escrivivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.26-46.

EVARISTO, Conceição. *A escrivivência: a literatura a partir do pensamento negro - Curso Ler o Brasil- Casa Sueli Carneiro*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xd8eLFPDdzE>. Acesso em 20 abril. 2023.

FANON, Fanon. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). *Escrivivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. 164-180.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RIOS, F; LIMA, M. (org.). *Por um feminismo afro latino americano: Lélia Gonzalez*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p.49-64.

GROSGOUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). *Decolonialidade e Pensando Afrodiaspórico*, 2. edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. p.55-77. hooks, bell. *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOLLANDA, Heloisa. Buarque. de. Introdução. In: HOLLANDA, H. B. de. (Org.) *Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 10-34.

JESUS, Carolina M. de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LANDER, Edgardo. (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires, CLACSO, 2005.

LIS, Ludmilla; MOTTA, Islene. Publicações e fortuna crítica. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). *Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. 262-270.

LITERAFRO. *Conceição Evaristo é vencedora do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura*. Disponível em: <

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/noticias/1030-conceicao-evaristo-e-vencedora-do-prmio-governo-de-minas-gerais-de-literatura>>. Acesso em 30/05/2022.

MALDONADO-TORRES, Neslon. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNADINO-COSTA, Joaze.;

MALDONADO-TORRES, Neslon.; GROSFOGUEL, Ramón. (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 1. edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 31-61.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Revista Gragoatá*, n.22, p.11-41, 2008.

NUNES, Isabella. R. Sobre o que nos move. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). *Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 10-24.

POSTONE, Moishe. *Tempo, trabalho e dominação social*. São Paulo: Boitempo, 2014.

PROCÓPIO, Ana. P. Formação social brasileira e questão étnico-racial. O racismo estrutural em debate. In: ELPIDIO, M. H, VALDO, J. P., ROCHA, R. (Org.) *Desafios para o Serviço Social na luta antirracista: questão étnico-racial em debate*. 1ª edição. São Paulo: Analume, 2021, p. 55-72.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, B. de S; MENESES, M.P (org.) *Epistemologias do Sul*. Coimbra: CES, 2009. p. 73-118.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: CLACSO, *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, 2005. Disponível em:

http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf. Acesso em 02 dez. 2021.

QUIJANO, Aníbal. *iQue tal raza!*. *ECUADOR DEBATE*. Quito. n. 48 p. 141-152, 1999.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Recebido em 27/04/2023

Aceito em 12/06/2023